

## REGISTROS DA INFÂNCIA NOS MUROS DA ESCOLA: UM CONVITE AO OLHAR

Ana Cecilia Machado Dias<sup>27</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa buscou a partir da relação infância, arte e educação, reconhecer as vozes das crianças por meio de seus desenhos nos muros externos de uma escola. Buscou-se refletir sobre a experiência dessa instituição e compreender, junto às crianças, autoras dos desenhos, os significados das imagens expostas. O referencial teórico se pauta na sociologia da infância, recorrendo a Corsaro (2005), Sarmiento (2004), Sirota (2001), Quintero (2005), Leite (2001), Gobbi (2002), Delgado e Müller (2004), dentre outros, que buscam possíveis respostas para entender o que dizem as crianças sobre suas infâncias e culturas, compreendendo a infância e as crianças como atores sociais, que produzem culturas e que escrevem suas histórias.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, arte e cultura, sociologia da infância, pesquisa com crianças.

### ABSTRACT

This thesis deals with the correlation among childhood, art and education, focusing on the creation of children's drawings and the meanings attributed to them. This is a qualitative survey conducted among a group of kindergarten children from a private school chain, in the mountainous region of Rio de Janeiro, in which it is developed the practice of printmaking (paintings) on the exterior walls of the school. The survey sought to reflect on the experience of this institution, and to understand along with the children, authors of the drawings, the meanings of the images displayed. Data collection was mainly compiled from rounds of conversation with children and the school's photographic archive. The theoretical reference is based on the sociology of childhood, aligned with Corsaro (2005), Sarmiento (2004), Sirota (2001), Quintero (2005), Leite (2001), Gobbi (2002), Delgado and Müller (2004), among others, seeking possible answers to understand what the children say about their childhoods and cultures, considering childhood and children as social actors who produce and write their own stories.

**Keywords:** Early childhood education, art and culture, sociology of childhood, research with children

---

<sup>27</sup> Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP, exerce a docência no Centro Universitário Augusto Motta/UNISUAM – RJ e na Faculdade São Judas Tadeu. [anaceciliadias@hotmail.com](mailto:anaceciliadias@hotmail.com)  
Trabalho resultado da dissertação de mestrado.

As crianças querem mostrar o que fazem, chamam nossa atenção, nos convidam para apreciar suas produções. Querem também conhecer tudo ao seu redor, descobrem o mundo interagindo e são curiosas por natureza.

Compreendo que os desenhos nos muros, da Escola Oficina Criativa<sup>28</sup>, no município de Petrópolis – RJ, veiculam conhecimentos e informações importantes sobre nossas crianças e que são observados pela comunidade local. Esses desenhos afirmam uma infância ativa e rica em suas expressões rompendo uma prática pedagógica pertencente somente aos interiores da instituição. São registros de uma infância que se expressa por meio do desenho e que explora a arte como recurso, comunicando por meio das pinturas as descobertas realizadas ao pesquisarem e interagirem sobre determinados temas com seu grupo de amigos e professor no interior da escola.

Desenhar em painéis no muro da escola teve início quando as pichações realizadas chamaram a atenção da equipe pedagógica e levou a decisão de utilizar esse espaço com as crianças. A ideia consistia em mostrar o que acontece internamente na escola, ou seja, uma possibilidade de comunicar os conhecimentos construídos dentro dos espaços internos, assim como os interesses e sentimentos que as crianças desejassem exprimir. A escola aliou a prática de desenhar nos muros à rotina de trabalho, enriquecendo cada vez mais o trabalho desenvolvido com as crianças.

O fazer artístico pautado nesses princípios, busca romper com a visão de que as experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar são atividades que visam ocupar o tempo das crianças nos contextos educativos. Arte é expressão, é linguagem que traduz conhecimentos específicos da relação da criança com o mundo. Além disso, potencializam sua percepção, observação, imaginação e sensibilidade, que podem alicerçar uma atuação mais humana e consciente em nosso cotidiano.

As discussões teóricas ao longo do caminho trouxeram o reconhecimento da criança como produtora de cultura, com direito a comunicar seus pensamentos. Durante minha trajetória enquanto professora da Educação Infantil e entendendo o desenho da criança como linguagem, expressão e comunicação, observei que muitas

---

<sup>28</sup> Para a pesquisa a Escola Oficina Criativa autorizou a divulgação do nome da instituição.

práticas escolares têm priorizado o trabalho com os conhecimentos sistematizados e científicos oferecendo poucos subsídios para que as crianças exerçam seu direito de livre expressão.

A participação das crianças nessa pesquisa tem como objetivo ouvir o que elas, autoras das pinturas nos muros da escola, tinham a nos dizer a respeito dessa produção. A análise dos desenhos realizados pelas crianças somou-se às suas falas. A escuta das crianças demandou a elaboração de estratégias diferenciadas de aproximação ao universo infantil.

Cada vez mais encantada com os desenhos das crianças nos muros da escola, fui guiada por algumas questões, no sentido de compreender como as crianças interpretam seus desenhos, o que comunicam por meio deles, como concebem a ação de pintar nesses painéis. Por meio de uma postura reflexiva, procurei uma aproximação às crianças, de forma a respeitá-las enquanto sujeitos ativos, produtoras e reprodutoras de cultura, concebidas como sujeitos sociais, que se expressam, que precisam ser ouvidas, valorizadas e respeitadas em suas especificidades.

Para esse estudo, iniciei minhas leituras com as pesquisas de Maria Isabel Leite (2005). Seus estudos buscam compreender as relações criança/escola, criança/ensino de forma a entender que a criança é alguém que se apropria de saberes, o que faz com que deixe de ser simplesmente destinatária do conhecimento. Sua participação é a mola propulsora para dar significação à sua aprendizagem. Os questionamentos da autora sobre a forma de participação das crianças nas escolas, assim como os espaços reservados para a expressão, para o lúdico e o respeito a sua autoria fez com que eu buscasse leituras sobre a infância. Desafio que nos mantém em constante busca por experiências e práticas pedagógicas que problematizem ações significativas coerentes e pertinentes ao universo infantil. Outra forma de se trabalhar com crianças respeitando suas múltiplas linguagens.

Além disso, cabe pensar, ainda, sobre a interação das crianças com seus pares. Para dar conta desta problemática, utilizei o referencial teórico da sociologia da infância a partir de Pinto e Sarmiento (1997), Plaisance (2004), Montandon (2005), Corsaro (2005), Sirota (2001), entre outros que compreendem as infâncias e as

crianças como atores sociais. Nesse sentido produzem culturas, escrevem suas histórias, criam e modificam regras, interagem em culturas de pares e não apenas absorvem conceitos de seu meio social, mas também os ressignificam, transformando-os e incorporando-os as novas ações. As contribuições de Quinteiro (2002), Gobbi (2002), Leite (2001), Richter (2008), Delgado e Müller (2004), me levaram a compreender que não existe uma única infância, uma única forma de ser criança, mas, uma pluralidade e uma diversidade de infâncias.

Enfatizo que o *muro*, ao ser uma delimitação do espaço escolar com a rua, é considerado como parte da escola. A visibilidade discreta que os desenhos das crianças pretendem alcançar consiste em chamar uma atenção mais pontual dos transeuntes para suas produções, ampliando a relação da criança com o espaço urbano.

Nesse sentido, entendo que o muro desenhado pelas crianças, se constitui num reinventar um espaço que antes não era utilizado. Apresenta a população do entorno novos significados, valorizando as ações infantis. O muro rompe com a ideia de escola como espaço de confinamento e provoca uma ampliação dos conceitos para as condições autorais próprias da infância.

Essa abordagem incentiva o desenvolvimento intelectual das crianças, incentivando a representação simbólica. Desde pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas por meio dos mais variados modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, esculturas, colagens, dramatizações e músicas. As crianças são protagonistas ativas e competentes, que buscam agir sobre o meio social pelo diálogo e pela interação com os outros, na vida coletiva das salas de aulas, da comunidade e da cultura, guiados pelos professores.

A partir da ação de desenhar nos muros da escola, as crianças assumiram uma participação mais ativa diante dos assuntos abordados em sala de aula. A equipe pedagógica abraçou a ideia e viabilizou essa nova atividade de pintar os muros externos da escola, que em seu resultado final encantou alunos e professores. As crianças perceberam que suas produções constituíram-se como produtos comunicáveis sobre os saberes construídos em sala de aula.

Pintar o muro é uma atividade muito apreciada e esperada pelas crianças. Percebo a alegria com que desenham nesses painéis, ao mesmo tempo em que dedicam cada vez mais empenho ao resultado estético de suas produções.

Nessas atividades, as crianças se sentem bem à vontade, conversam, decidem cores e traçados e, em parceria, vão desenhando e compondo seus painéis. É notável um trabalho em equipe, pois um ajuda ao outro. No final da atividade todos gostam de apreciar e mostrar às famílias os desenhos, narrando sobre o processo e participação sua e de seus colegas.

A inserção dos desenhos infantis no cotidiano das pessoas que por esta rua circulam, possibilitou que os alunos fossem reconhecidos por sua história e tempo vivido, enquanto parte integrante de uma sociedade que se transforma constantemente. Essa interação entre sujeitos favoreceu a produção de novos significados, interferindo e ampliando o olhar da comunidade para os espaços da cidade. Pérez (2008) afirma que “O destino do homem é o de ser sujeito de sua ação, criando e recriando o mundo” (p.15).

Observo que os painéis desenhados pelas crianças rompem com a delimitação dos muros da escola e, de certa forma, projetam as representações gráficas das crianças. Pessoas que passam em frente à escola, caminhando ou por algum meio de transporte, apreciam os desenhos e nos momentos em que as crianças estão do lado de fora da escola, desenhando nos painéis, escutamos comentários elogiando o trabalho.

Essa ação da população em observar e acompanhar os desenhos das crianças trouxe à escola, e principalmente aos educadores, elementos que puderam enriquecer nossa compreensão sobre a ação pedagógica. Ao dedicarmos tempo e empenho para produzir alguma coisa, esperamos que alguém veja, faça uso ou contemple o processo e o produto do trabalho. Desta forma, abrimos condições de estabelecer um diálogo, interagindo com o outro e com o meio em que vivemos. A escola necessita redirecionar o seu foco para a criança e suas produções, reconhecendo sua autoria e capacidade criativa. Rinaldi (2002) procura responder tais inquietações ao citar que:

A infância é reinventada por cada sociedade: cada sociedade pode criar a sua própria imagem do que são as crianças. A imagem é uma convenção cultural, e existem muitas imagens possíveis. Algumas concentram-se no que as crianças são, no que elas têm, e no que elas podem fazer, enquanto que outras, infelizmente, concentram-se no que as crianças não são, no que elas não têm e no que elas não podem fazer (p.76).

Diante dessa experiência, tais produções nos remetem à valorização do processo de construção de conhecimentos e a oportunidade de expressão, mais do que somente ao produto final, pois o ato de desenhar no painel carrega particularidades do tema estudado, elaborações e vivências pessoais de cada criança que enriquecem os desenhos com detalhes e transmite algo a mais, não sendo somente um simples traçado.

Nessas condições, podemos considerar a escola como espaço privilegiado de práticas e vivências coletivas infantis, local onde se constroem diversas representações das situações vividas, capaz de situar os sujeitos e demarcar uma identidade que os insere na sociedade, de acordo com o tempo histórico atual.

Ao refletir sobre a interferência desses desenhos no cotidiano das pessoas, por meio dos olhares que se direcionaram para o muro da escola, buscamos dialogar com a criança na perspectiva de reconhecer sua produção cultural. Não pretendemos que este trabalho se configure como um modelo a ser reproduzido nas instituições escolares e sim um relato que ofereça possibilidades de se pensar e valorizar a criança diante do que ela é capaz de produzir e de nos comunicar acerca de suas aprendizagens e descobertas.

A emergência das vozes das crianças como colaboradoras diretas da pesquisa constitui uma ferramenta de transformação em relação à construção de uma cidade, onde cidadãos possam perceber a criança no que ela é capaz, reconhecendo-a como produtora e consumidora de cultura, que se manifesta em diversos espaços públicos.

O consentimento da criança para participar na pesquisa é abordado por Sarmiento (2004, p.11) como um dos momentos mais importantes da pesquisa com crianças. Informá-las sobre os objetivos e como se planeja a dinâmica da investigação é um passo essencial, seguido de algumas reflexões quanto à tradução acerca de seu

dia-a-dia, assim como também sobre suas experiências, sentimentos e competências. Durante o primeiro encontro com as crianças, assim que conversei sobre o tema da pesquisa convidando-as para me ajudarem, observei a alegria delas que prontamente aceitaram o convite e correram para pegar uma folha de papel, chamando cada colega para escrever seu nome, deixando claro para mim quem iria participar e colaborar nessa pesquisa.

Quando nos deparamos com novas perspectivas de trabalho, abrimos espaço para a inovação de ações e transformamos as práticas anteriores. Por esse motivo, convidamos a cidade a olhar para o que a criança produz, com olhos capazes de atribuírem significados aos traçados infantis, que se concretizam em várias formas, ao mesmo tempo em que transformam sua compreensão das experiências vividas.

Nesse sentido, abre-se um horizonte para a participação da criança e, de certa forma, chama a atenção de adultos e crianças, que ao caminhar por essa calçada, apreciam os desenhos nos painéis. A participação da criança em nossa sociedade sempre esteve muito restrita ao planejamento dos adultos, tutores que se encarregam de cuidar das crianças.

O desenho é uma via privilegiada de expressão em que se estabelece uma comunicação com o mundo. Assim, tomar os desenhos infantis como objeto de pesquisa, considerando a criança como ser ativo a partir de sua própria voz e produção, é um desafio. Leite (2001, p.113) destaca o modo de pensarmos o desenho de forma mais ampla, que congregue as marcas de nosso tempo, e que nos mantenham livres para nos expressarmos plasticamente.

Ao produzir cultura, ao deixar suas marcas, falar de si e do outro, [as crianças] reescrevem a história e a história reescrita será sempre outra, diferente, pessoal, com significação própria (LEITE, 2004, p.34).

A forma de ver a criança, bem como de interpretar os seus modos de ser, tem dependido sempre, em última análise, do modo como o adulto a vê em diversos contextos em que participa ativamente, seja em sua família, contexto escolar ou comunidade em que vive.

Reconhecer a possibilidade dos desenhos das crianças como meio de

comunicação e registro de sua história de vida, simultaneamente enquanto um percurso individual e social de aprendizagem e de interação contribui para a discussão acerca das especificidades que compõem a Educação Infantil e a importância da arte na representação dos significados culturais, resultantes da convivência e interação entre sujeitos.

A escola tem uma responsabilidade quanto às atividades planejadas e oferecidas ao desenvolvimento de cada sujeito e necessita promover condições para uma aprendizagem artística, que valorize e respeite a expressividade individual.

É necessário oferecer conteúdos significativos à aprendizagem de arte, desenvolver habilidades estéticas e sensíveis para conhecer, refletir e criar sobre a arte. E de certa forma, colocar em prática o universo imaginário, como também, ampliar as competências para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia e autoria. Desafios esses, a uma educação de qualidade que respeite as crianças, suas culturas e sua infância.

Nessa perspectiva, a interação criança e arte/desenho indo além do contexto escolar, atingindo outras instâncias que o contextualizam, são de fundamental importância na construção dos percursos singulares, de forma a realizarem experiências com base em pinturas, ou seja, a capacidade infantil de relacionar imagens e palavras que se transformam em um diálogo entre imaginar, fazer e compreender, comunicando sentidos, pensamentos, ideias e conhecimentos.

Em interação com os outros e com tudo que nos cerca, desenvolvemos nossa capacidade de ver, sentir e ouvir. Aprendemos a criar, transformar, perceber e agir, nos tornando capazes de fazer escolhas e tomar decisões em nosso convívio social e cultural. A aprendizagem estética e ética permeada de significados culturais se constitui na convivência com o outro, com sua família, amigos, e meio social.

A criação e representação de saberes implicam um trabalho pedagógico intencional, que transforma e enriquece as práticas pedagógicas tradicionalmente exercidas para se pensar a arte no espaço e tempo da infância.



A escola detém grande responsabilidade com os conhecimentos que em seus interiores são dinamizados, algumas abrem possibilidades de diálogos e comunicação, enquanto outras exigem silêncio e disciplinam mentes e corpos. Valorizar as ações e produções construídas nos espaços educativos significa reconhecer nossas crianças como sujeitos ativos e produtores de saberes e cultura.

Na medida em que essas crianças têm para suas produções muitos interlocutores, não se restringindo somente a sala de aula e nem exclusivamente ao professor, ampliam sua participação na comunidade local, enriquecem suas aprendizagens por meio dessa experiência, que anuncia pelos seus desenhos um conhecimento situado em um determinado contexto e época.

As questões evidenciadas nesse trabalho, inicialmente pelos desenhos infantis, suscitou questões ricas e significativas em torno da Educação Infantil. Diante de painéis pintados por crianças, esse trabalho se desenvolveu e afirma com base nas próprias falas das crianças a importância de valorizar e reconhecer suas produções, resultado de suas ações. As práticas pedagógicas precisam abrir espaço para que meninos e meninas façam uso de suas múltiplas linguagens e se expressem construindo e reconstruindo tudo ao seu redor.

As crianças como colaboradoras ativas de todo o processo, fez com que esse trabalho se desenvolvesse evidenciando suas vozes, foco de minha atenção. Em nossos encontros pude perceber a riqueza de suas falas e a importância desse diálogo em nossas escolas. Muitas vezes como educadora acreditei oportunizar aos meus pequenos a expressão, porém não percebia que o que eu fazia era convidar as crianças para participarem de atividades pedagogicamente planejadas para minha aula, o que não é o suficiente para garantir um espaço para expressarem livremente o que pensam. Ouvir cada criança ampliou meu olhar para o que cada uma é capaz de pensar, agir e transformar, por meio de sua atuação nos interiores da escola.

Ainda temos muito que caminhar para afirmar uma real participação das crianças em contextos educativos. Percebo que no período da pesquisa na Escola Oficina Criativa, os professores das turmas envolvidas, ao observarem a dinâmica de ter a participação direta das crianças, passaram também a se dedicar mais a ouvir suas

crianças. As contribuições trazidas pela sociologia da infância enriqueceram esse contexto educativo, alertando seus educadores para a participação das crianças, no sentido de dar atenção ao que elas têm a nos dizer, além de expor e valorizar suas produções, pois o que produzimos merece ser visto e contemplado.

“Esse desenho é meu.” palavras das próprias crianças, que afirmam sua liberdade de participação nas atividades e rompe com a padronização de modelos prontos e respostas esperadas. Poder agir fazer, construir e modificar são oportunidades para expressarem o que pensam e como pensam.

O desenho é uma forma de expressão das culturas das crianças, por meio dele, registram sua presença, suas vivências, seu imaginário e sua subjetividade. As imagens produzidas pela mão das crianças nos apresentam o que percebem em seu cotidiano, não como obra acabada, mas como registro de um processo, de momentos e sentimentos vividos. Os olhos infantis, muitas vezes, estão a contemplar situações vividas pela primeira vez e todas essas experiências vão constituindo a sua infância. O desenho permite a criança traduzir suas experiências e a imaginação a impulsiona a investigar o que vê no mundo.

Por meio da reprodução interpretativa, defendida por (CORSARO, 2009), a criança se apropria e reinventa a cultura adulta constituindo as culturas infantis. Não se trata somente de internalizar a cultura adulta, como simples receptoras das mesmas, o movimento de nossas crianças é mais amplo e rico, elas contribuem ativamente para a produção da cultura por meio de suas apropriações e reinvenções da cultura adulta. Como no episódio em que eu desenhava meu autorretrato e uma criança afirmou não ser tão proveitoso meu desenho ser realizado em uma única folha tamanho A4, seriam necessárias duas folhas emendadas já que sou alta. Ela não se intimidou, deu sugestões a um adulto, expôs como pensa e viabilizou soluções.

As crianças observam tudo ao seu entorno, mas não como verdades absolutas, elas transformam e recriam situações por meio da apropriação de informações do mundo adulto, de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. Como afirma Corsaro (2005), as crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros, mas se observarmos,

elas vão além. Sua participação na sociedade contribui ativamente para a produção e a mudança cultural.

As crianças como atores sociais demonstram sua capacidade de produção simbólica e de diálogo por meio do desenho que não é, necessariamente, retrato direto, devolução do visto ou vivido, mas ressignificações dessas experiências. Outra criança ao desenhar como estava o clima naquele dia registrou seu conhecimento aliado ao que percebia naquele momento, por isso fez primeiro um sol, pois sabia que poderia ter sol. Desenhou também as nuvens e o arco-íris que conhece, para finalmente registrar que naquele momento o clima era chuvoso. Na visão de um adulto bastava desenhar a chuva. Diante dessas questões precisamos ampliar nossa interação com as crianças e suas infâncias, somente com essa aproximação é que teremos olhos para conhecer os desenhos infantis.

O desafio que se coloca está em como ampliar estas perspectivas, os espaços de expressão da infância. Questão instigante que me levou a convidar as crianças para desenharem nos muros externos da escola, inicialmente como apropriação do espaço pertencente à escola, eliminando a pichação e posteriormente como meio de valorização dos desenhos, uma espécie de vitrine aberta à população para a riqueza do pensamento e criatividade infantil.

Os desenhos dessas crianças acompanhados do brilho contido em seus olhares, afirmam sua autoria e convidam seus familiares e conhecidos para contemplarem o colorido do muro. Presenciei uma criança com cinco anos chamando sua mãe para ver o seu desenho no muro. Nesse sentido afirmo que a arte tem que fazer parte da escola, da mesma forma que está em nossa vida. Arte é vida, é comunicação. Ela constrói o olhar e muda nosso olhar sobre a vida. Portanto, a arte contribui para a humanização do espaço pedagógico, como destaca Leite (2001, p.30).

De forma gradual, as crianças foram marcando o muro desta escola com seus desenhos e simultaneamente conquistando esse espaço, ao imprimirem suas marcas e singularidades próprias da infância. Respeitar essa criança que é ativa e que comunica seus pensamentos e sentimentos é reconhecer que a criança aprende em comunhão com seus pares sobre as coisas e sobre a vida.

Esse processo de construir um espaço para o desenho infantil no muro busca reconhecer a expressão infantil como meio de interlocução. Para a efetiva participação da criança em nossa sociedade, ainda precisamos realmente aprender a ouvi-las, uma escuta para o diálogo, para a troca e para a aprendizagem. Entretanto, mudanças e novas aquisições exigem ressignificação de conceitos e abertura para inovar.

## REFERÊNCIAS

CERISARA, A. B. Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Orgs.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto/Portugal: Editores Associados, 2004. p. 35-54.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**. Vol. 26, n.91, p. 443-464, maio/ago. 2005. Disponível em: < www.cedes.unicam.br> acesso em 10 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F. & CARVALHO, A. M. A. (orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

DELGADO, A. C. C. e MÜLLER, F. Reflexões metodológicas nas pesquisas com crianças. In: DELGADO, A. C. C.; MOTA, M. R. A.; ALBUQUERQUE, S. S. de. **Tempos & Lugares das Infâncias**: Educação Infantil em debate. Porto Alegre: IPPOA, 2004.

GOBBI, M. A. Desenho Infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Org). **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

LEITE, M. I. F. P. **Escola**: Espaço de autoria e expressão? GT Educação e Cultura. ANPED-Sul, 2004b. Disponível em: <[http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo\\_escolares/LEITE\\_autoriaexpressao.pdf](http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_escolares/LEITE_autoriaexpressao.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **O que e como desenham as crianças?** Refletindo sobre condições de produção cultural da infância. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs). **Museu, educação e cultura. Encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Arte, infância e formação de professores**: Autoria e transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

MONTADON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a10v2691.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2010.

PÉREZ, C. L. V. Patrimônio e Memória PGM2. **Salto para o Futuro**. Ano XVIII boletim 03, abril de 2008. Disponível em: [http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/163942Cidad\\_esp\\_edu.pdf](http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/163942Cidad_esp_edu.pdf). Acesso em: 03 mar. 2010.

PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (coord.). **As crianças** – contextos e identidades. Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997.

PINTO, M.. A infância como construção social. In: SARMENTO, Jacinto (Org.). **As crianças: contextos e identidades**. Portugal: Universidade do Minho: Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-72.

PINTO, M. R. B. A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poço de Caldas. **Anais eletrônicos...** Poço de Caldas: ANPEd, 2003. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/posteres/inesferreirabraganca.rtf>. Acesso em: 19 fev. 2009.

PLAISANCE, E. Para uma Sociologia da Pequena Infância. In: **Educação e Sociedade**. Campinas. V. 25, n. 86, p. 221-241, abril 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 03 mar. 2010.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A. L. G., DERMARTÍNI, Z. B. F. e PRADO, P. D. (orgs). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. 2000. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RICHTER, S. **Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

RINALDI, C. Reggio Emília: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINI, L. e EDWARDS, C. (orgs). **Bambini: a abordagem italiana à Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SARMENTO, M. e GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho, 2002. Disponível em: [http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/menu\\_base\\_text\\_trab.htm](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm). Acesso em: 02 mar. 2008.

\_\_\_\_\_. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Educ. Soc. , Campinas, v. 26, n. 91, ago. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci\_arttext&pid=S0101-73302005000200003&lng= pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2008.

\_\_\_\_\_. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: \_\_\_\_\_; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto/Portugal: Editores Associados, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, M. J. e CERISARA, A. B. (orgs). Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2008.

\_\_\_\_\_. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, V. M. R.; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Infâncias (in)visíveis**. Araraquara: J&M Martins, 2007. p. 25-49.

\_\_\_\_\_. **Conhecer a infância**: os desenhos das crianças como produções simbólicas. Braga: IEC: UMINHO, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Imaginário e culturas da infância**. Braga: IEC: UMINHO, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto, Portugal: GRAFIASA, 2004.

\_\_\_\_\_. Sociologia da Infância: correntes e confluências. **Cadernos do Noroeste**, Braga, v. 13, n. 2, 2000.

SIROTA, R. Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do Objeto e do Olhar. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, março 2001.

ENVIADO EM MAIO/2016  
APROVADO EM JULHO/2016